



EDUCAÇÃO : CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Arnaldo Niskier

Em seu sentido primitivo, a palavra *educação* tem origem nos verbos latinos *educare* (alimentar, amamentar, criar), com o significado de alguma coisa que se dá a alguém, *educere*, que expressa a idéia de conduzir para fora, fazer sair, tirar de. Na segunda acepção, *educação* representa um ato de desenvolver, de dentro para fora, algo que está no indivíduo.

Como se vê, do ponto de vista semântico, o conceito de educação já enerra, nas origens, uma contradição, na medida em que abriga, sob a mesma raiz, sentidos diferentes. O sentido de *educare* transmite a idéia de algo externo que acrescenta ao indivíduo, procurando dar a ele condições de desenvolvimento. *Educere* lembra a liberação de forças latentes que dependem de estimulação para virem à tona.

Ao longo do tempo, esses dois sentidos têm marcado as teorias e as práticas pedagógicas de tal forma, que se pode

afirmar, sem medo de incorrer em erro, que os conceitos de educação tradicional e de educação nova estão muito impregnados dessa duplicidade semântica.

Realmente, pode-se observar que a educação tradicional tem entre os seus componentes mais importantes o fato de que os grandes problemas se voltam para o professor, para o programa, para a disciplina, enfim, para aspectos exteriores ao educando, cabendo a este, tão-somente, cumprir prescrições fixadas por pais, professores ou qualquer outra pessoa a quem caiba a missão de educar. Esse sentido da educação tradicional é o que mais se aproxima do significado do étimo *educare*. Já a educação nova centraliza as suas preocupações no educando, examinando as maneiras pelas quais se realiza o processo de aprendizagem, que é eminentemente individual. O indivíduo, com suas peculiaridades e seu ritmo próprio de desenvolvimento, é o ponto de referência para toda a ação

educativa. A educação nova se identifica, portanto, mais diretamente, com o sentido de *educere*, já que os limites da ação educativa representam algo eminentemente pessoal e dependem das possibilidades de cada indivíduo e dos estímulos que ele receba.

A Educação do ponto de vista tradicional

De acordo com o sentido de *educare*, todas as abordagens da educação que se preocupam em acrescentar algo ao indivíduo, com o objetivo de moldar comportamentos, valores etc., tendo em vista modelos pré-definidos, podem ser chamadas de tradicionais, desde que fiquem bem claro o sentido dado à expressão *educação tradicional*, relativa a um estilo que se consagrou graças à sua persistência no tempo e passou a ser encarada como ponto de referência para todas as abordagens que se seguiram.

Dentro desse ponto de vista, tem-se sempre presente a idéia de alguém que necessita de orientação, o que pressupõe, inevitavelmente, o conceito de imaturidade em relação àqueles que não sabem; surge, por oposição, o termo *maturidade*, em referência aos que sabem. Desse modo, o ponto de vista tradicional em educação está preso à cultura, como um componente indissociável da visão do mundo que os mais velhos e as instituições, em geral, procuram transmitir aos mais novos.

As exceções a essa regra servem apenas para ratificá-la. A posição de Sócrates, por exemplo, condenada pela coragem de desafiar a moral dominante, bem como as idéias de Rousseau, condenando os rigores da opressão sobre o indivíduo, demonstram que as teorias pedagógicas nem sempre têm a força suficiente

para modificar padrões consolidados através de um lento processo de evolução histórica.

A educação tradicional, muito mais que uma simples formulação conceitual, sempre esteve ligada a um contexto histórico/cultural, exprimindo fielmente a consideração da sociedade com as novas gerações.

É inegável que a educação, assim como outras formas de manifestação cultural, tem relação direta com a própria possibilidade de um grupo subsistir como tal. Enquanto nas sociedades primitivas a educação se revela um componente indissociado das demais funções desempenhadas pelo grupo, nas sociedades civilizadas, dada a sua complexidade, há necessidade de recorrer a instituições específicas — igrejas, escolas etc. — para assegurar a transmissão da herança cultural. É justamente nessas sociedades, onde boa parte da organização social depende diretamente do conhecimento das técnicas elementares de leitura e escrita, que a educação assume uma feição tradicional. É nesse sentido de atividade própria da cultura, realizada por instituições especialmente credenciadas — sendo a mais comum a escola — que se emprega a expressão *educação tradicional*.

Em épocas de relativo equilíbrio social, em que a sucessão das gerações não estava sujeita a outras interferências além das relativas à vida biológica em suas diferentes fases, pode-se dizer que a educação cumpriu as tarefas que lhe foram atribuídas, mesmo porque não havia forças suficientes para contestar e impor novas direções ao processo social. As transformações observadas na educação ocorreram mais como subproduto de mudanças mais amplas na vida social global do que de uma atuação constante e contínua dos educadores.

para modificar algo com que, eventualmente, não estivessem de acordo.

Para atender às socializações que emanam da vida social, a educação tem desempenhado diferentes funções, conforme a ênfase que em certo momento se deu a um ou a outro aspecto, o que, no entanto, não modifica a configuração global da educação tradicional, compreendida no sentido de que falamos.

As concepções tradicionais de educação derivam, pois, de *educare* e todas elas têm o processo formativo como algo *exterior*, que se acrescenta ao indivíduo, o qual é considerado carente dos elementos que vão enriquecê-lo. Nessa concepção tradicional, a educação é vista como um bem em si mesma, independentemente da validade que possa ter para a vida atual ou futura do educando. A força da experiência passada e o papel desempenhado por esse tipo de educação servem como justificativa para mantê-la. Sob esse aspecto, a educação tradicional transcende o tempo histórico, na medida em que se coloca acima das necessidades sociais e se mantém alheia às solicitações que venham dos indivíduos, assumindo inúmeras conotações.

Educação como produto

Este conceito se preocupa com o produto final do processo educativo, não importando a maneira pela qual esse resultado é alcançado, já que os modelos estão pré-definidos e a tarefa pedagógica consiste tão-somente em "atualizar" os elementos latentes no indivíduo, que uma boa educação não pode ignorar. O desenvolvimento do caráter, formação integral da personalidade, a aquisição de comportamentos básicos e universais de relacionamento social, o respeito a valores consagrados pela tradição são bastan-

te considerados pelos defensores da educação como produto.

A educação assim vista é encontrada em várias etapas de evolução da história humana e, ainda hoje, em inúmeras partes do mundo. Contrariamente a uma forte tendência de democratização dos estilos de vida, tal concepção se acha associada aos grupos políticos, religiosos, ou de outra natureza, que atribuem à educação a tarefa de desenvolver um tipo humano preestabelecido, independentemente das influências sócio-culturais que possam afetar o seu desenvolvimento.

A educação como produto representa bem a visão tradicional, na medida em que os fins a que se propõe escapam ao indivíduo e, mais do que isso, impedem-nos de procurar caminhos que possam trazer-lhe a renovação e a mudança. É importante manter o produto o mais próximo possível dos princípios que o inspiraram.

Educação como preparação para a vida

Trata-se, também, de um conceito tradicional, com muitos pontos de contato com o anterior, mas diferente dele por acentuar o aspecto de imaturidade do ser em crescimento, que deve passar por um longo período de preparação até alcançar a idade adulta. Aqui, a idade cronológica é um elemento fundamental para justificar a imposição de padrões e normas de ação ao educando, pois se admite o princípio de que somente a entrada no mundo adulto é capaz de dar autonomia e independência.

Essa concepção enfatiza a necessidade de preparação e de cuidados, lembrando-se sempre que o homem é um ser com período de amadurecimento muito longo, que vive em estado de dependên-

cia bem mais tempo do que outros animais. Argumenta-se, ainda, que se o homem não passar por esse período de preparação, dificilmente conseguirá alcançar os elementos necessários à convivência numa sociedade organizada.

Essa idéia pressupõe que a criança já tenha em si todos os elementos a serem plenamente realizados na idade adulta. A expressão "adulto em miniatura" ajusta-se perfeitamente a esta maneira de encarar o ser humano. A infância e a adolescência passam a ser vistas, na maior parte das vezes, como fases propícias à transmissão do maior número possível de conhecimentos, valores e atitudes fundamentais na idade adulta.

Ao contrário do conceito de educação como produto, aqui não há tão grande preocupação com o resultado, uma vez que ele é tido como uma decorrência natural do processo de crescimento em que foram seguidos determinados passos.

Os defensores desta concepção não têm muito claro o conceito de *vida*. Para muitos, ela pode significar a crença no aperfeiçoamento contínuo do espírito, que venha a dominar todas as ações humanas. Para outros, tão-somente a posse de bens que garantam a satisfação dos sentidos. Alguns educadores admitem que na escola tradicional existe exatamente essa dificuldade de definir o tipo de vida desejável para os educandos em processo de formação.

Na medida em que a realização de um determinado modelo humano escapa ao controle das agências educativas, tais como a família, a igreja, a escola, os defensores desta orientação ficam em sérias dificuldades para definir seus objetivos e prioridades. A vida, entendida como produto da convivência social, em seu sentido mais amplo, está determinada

por fatores econômicos, políticos, religiosos, entre outros, que têm alcance educativo maior do que as instituições educativas habituais. Ante a impossibilidade de agir sobre essas forças, a educação, às vezes, *idealiza* ou se submete pragmaticamente às concepções que tem a respeito da vida. Em qualquer das hipóteses, o educando será sempre o paciente do processo educativo, na medida em que não tem nenhuma participação na definição do que a ele se oferece.

Educação como ajustamento social

O presente conceito é acentuadamente sociológico e seus adeptos sustentam que a verdadeira educação só estará cumprindo seu papel, se ajustar o indivíduo à ordem social.

Baseados ainda no fato de que a educação visa à continuidade do social, no que ele tem de orientações dominantes, afirmam que a educação, e mais especificamente a escola, nada mais tem a fazer do que oferecer às novas gerações os elementos que predominam numa determinada época, para que, assim, a sucessividade das gerações ocorra sem rupturas e crises.

Essa concepção tem variado historicamente, de acordo com a conjuntura da época; ora têm predominado os valores religiosos, ora os políticos e sociais, e assim por diante. Atualmente, pode-se verificar, sem grande esforço, que há a preocupação de transmitir aos educandos valores utilitários que os ensinem a "ganhar a vida".

Muitas vezes a ênfase recai na tendência a contribuir para o melhor ajustamento do jovem aos padrões da época contemporânea.

Essa concepção educativa não satisfaz, na maioria dos casos, porque não se

distingue uma geração pela idade, mas pelo seu conteúdo. Ao atribuir o mesmo significado a idade e a conteúdo, admite-se que as pessoas têm determinadas expectativas e adotam certos comportamentos segundo o grupo de idade a que pertençam. Uma geração não se exprime apenas em função de um determinado grupo, mas em razão de uma síntese que expressa toda a vivência do grupo.

Uma grande dificuldade dos que defendem a educação como ajustamento está no fato de que ela tende a refletir os valores e as crenças dos que a promovem e, não, as necessidades e aspirações daqueles que a recebem. Assim sendo, o ajustamento às necessidades sociais passa a ser a transmissão daquilo que os adultos, com seus conteúdos bem definidos, julgam essencial à geração nova, que, no entanto, atua numa dinâmica própria e reflete todas as contradições e angústias de uma nova realidade. Embora tenha a função de ajudar as pessoas no aqui e agora, é importante lembrar que, com o passar do tempo, a educação assumiu, também, o papel de levar as pessoas à vivência de valores e crenças não necessariamente presentes em determinado contexto.

É esse caráter prospectivo que permite à teoria educacional antecipar certas realidades e indicar os rumos do futuro.

A diferença que existe entre o enfoque tradicional e a abordagem renovada da questão é que, no primeiro caso, o ajustamento se coloca, ao mesmo tempo, como ponto de partida e de chegada do processo educativo; já no enfoque renovado, a preocupação com o ajustamento é apenas um dado que orienta a ação pedagógica, atuando como guia para evitar que tendências acentuadamente anti-sociais sejam incorporadas ao processo pedagógico, ao mesmo tempo que as di-

ferenças individuais ganham possibilidades de expressão compatíveis com as características de cada um.

A Educação do ponto de vista renovado

No atual estágio de exame dos problemas educacionais, é muito comum o método de análise que opõe os termos *tradicional/renovado*, como se as situações educativas só comportassem estudos na base de *afirmação/negação*. Esse método é bastante limitado, pois não deixa margem às posições intermediárias que representam as acomodações, não só da teoria, mas também da prática pedagógica, à complexidade do fato educativo.

É difícil encontrar um texto sobre educação renovada que não critique de forma mais ou menos acentuada a educação tradicional. Por outro lado, é muito comum que experiências de renovação educacional se iniciem com a adoção de métodos e técnicas que negam o que é feito através da abordagem tradicional, mesmo que as novas práticas signifiquem um retrocesso em relação às que se consideram superadas.

O conceito de educação renovada deriva do étimo *educere* (tirar de, fazer sair etc.) e uma de suas idéias mestras é a de que o educando é o centro de todo o processo educativo, em que os limites são as possibilidades e potencialidades individuais.

Educação como processo

Num mundo em contínua transformação, o anacronismo de uma educação voltada para a estabilidade e o conformismo passou a representar um verdadeiro desafio para todos aqueles que sempre se preocuparam com a formação das novas gerações.

Os antecedentes históricos dessa mudança de orientação talvez possam ser encontrados de maneira mais completa em Rousseau, quando indicou os rumos que depois viriam a ser partilhados por todos os que defendem uma educação voltada para a individualidade. É oportuno lembrar que o surgimento dessas idéias e o seu desenvolvimento têm ligação com as mutações verificadas na organização social do mundo ocidental.

A educação renovada é produto do influxo de novas idéias, da secularização da cultura, da expansão de oportunidades em todos os setores e da superação da estratificação social rígida, aspectos que caracterizam sociedades em processo de transformação acelerada, em que a mobilidade é a regra que orienta as ações em todos os setores. A industrialização representa o passo definitivo, marcando novo estilo de vida, apontando novos valores e indicando as linhas da nova educação.

Examinando os antecedentes da nova educação, verifica-se que escolas centrais no educando surgiram na Europa e nos Estados Unidos ao final do século passado, exatamente quando já se faziam sentir os reflexos da industrialização sobre a organização social.

O conceito de educação como processo considera todas as fases da vida individual importantes e igualmente merecedoras de atenção por parte da educação.

Não tem sentido admitir que a "longa infância" deva constituir um período de passagem até se alcançar a maturidade. A Biologia nos mostra que o crescimento individual não é algo casual, mas revela-se um processo "ativo e criador, pois é, a um tempo, quantitativo e qualitativo". Da mesma forma, a Psicologia esclarece que a aprendizagem é uma pro-

gressiva integração de padrões que envolve operações complexas, não podendo, portanto, ficar relegada a plano secundário.

A educação como processo admite, por outro lado, que os objetivos fixados pela ordem social devem ser respeitados, mesmo porque seria contraditória a idéia de uma educação que não atendes-se a um contexto determinado. A assimilação desses padrões, que na vida cotidiana configuram aquilo que poderíamos chamar "educação do mundo", já coloca o educando numa situação de contínua reformulação de atitudes e comportamentos, tal a soma de transformações que diariamente ocorrem. A educação sistemática não cabe senão incorporar, mediante atitudes e práticas, a perspectiva de mudança contínua como requisito de uma educação que prepare para o mundo de hoje. Considerando-se o homem como centro dessas transformações, a ênfase na educação como processo nada mais é do que o reconhecimento do fato de que as situações representam uma constante evolução, graças à capacidade desse mesmo homem.

O nome de Dewey surge como um dos principais patrocinadores dessa concepção, porque considerou a "educação como contínua reconstrução da experiência". Para ele a educação não teria objetivos fixos; eles derivariam das necessidades emergentes do relacionamento social. Assim, uma educação voltada para os aspectos básicos das operações mentais, do fazer, do relacionar, enfim, dos processos, em lugar de uma educação voltada para os produtos, se impõe como indiscutível, segundo os seguidores de Dewey.

Concomitantemente à visão da educação como processo, surge o conceito de educação como desenvolvimento in-

individual, que pode ser concebido como um desdobramento daquele, mas que apresenta algumas peculiaridades.

Educação como desenvolvimento individual

É um conceito que encontra apoio no grande desenvolvimento experimentado pela Psicologia, especialmente no estudo das diferenças individuais.

A proporção que se começou a perceber que a criança ou o jovem não podiam ser tratados como um adulto em miniatura, ao perceberem os educadores que a infância e a adolescência apresentavam um ritmo próprio e peculiar, tão mais importante que o da idade adulta, pela qual todos ansiavam, abriu-se o caminho para um estudo mais cuidadoso das diferenças individuais. A partir de então, uma grande quantidade de trabalhos sobre as diferenças individuais contribuiu para realçar cada vez mais o enfoque da educação voltada para o desenvolvimento das características próprias de cada um.

A crença no desenvolvimento individual, além de representar uma conquista que liberou o homem para novas realizações, tornou-se algo palpável, graças à grande expansão econômica que a revolução industrial desencadeou.

De simples espectador da natureza, o homem, de repente, passou a sentir-se capaz de dominá-la, para usufruir as vastas potencialidades do meio que o rodeia. A possibilidade de o indivíduo "fazer-se sozinho" liberou energias até então adormecidas e descortinou novos horizontes para as descobertas e invenções.

Pela primeira vez os educadores sentiram a possibilidade de proceder, através do processo pedagógico regular, ao ple-

no desenvolvimento do indivíduo, conforme sua capacidade.

A defesa da educação centrada no indivíduo conduziu, como era inevitável, a certos exageros, que foram prontamente rebatidos através de movimentos tendentes a "preservar" possíveis perdas, quer na qualidade da educação a ser seguida, quer no tipo de orientação a ser mantida ao longo de um processo educativo regular.

Entre os muitos problemas suscitados pela educação renovada, em confronto com a educação tradicional, um é o que se relaciona com a possibilidade de se conciliarem os interesses de uma educação centrada no indivíduo com os interesses básicos da ordem social. É necessário verificar em que medida um sistema de ensino coletivo pode, mantendo a sua orientação marcadamente social, conservar elementos que possibilitem a solução dos problemas de adaptação individual.

Examinando a situação da educação atual, podemos vislumbrar certa convergência entre os interesses do indivíduo e os da sociedade, na medida em que o mundo industrial permitiu a emergência de um sem-número de formas de educação individualizada.

Esse fato exige uma reformulação radical dos conceitos sobre educação. Enquanto ainda se mantêm, para efeito de ensino e pela necessidade de sistematização, os conceitos de educação tradicional e de educação renovada, surge, nesta segunda metade do século, o conceito de *educação permanente*, que supera as classificações tradicionais e coloca a educação numa perspectiva que melhor a identifica com o mundo em que vivemos.

Educação permanente

O conceito de educação permanente supõe a existência de "um processo ininterrupto, que tende à atualização e renovação contínua da personalidade, com a preocupação constante de satisfazer as exigências de uma sociedade mutável, dinâmica e moderna".

Embora haja diversas maneiras de situar a educação permanente no contexto contemporâneo, na verdade ela significa uma disposição da sociedade em oferecer a cada um oportunidade de educação a qualquer momento, de acordo com as necessidades apresentadas.

Segundo Rommiszowski, a educação permanente implica "um sistema muito flexível de oportunidades e um alto nível de controle e responsabilidade do estudante sobre o processo de aprendizagem".

O conceito de educação permanente supera as dicotomias anteriores e surge como o mais condizente com as características que vem assumindo a relação homem/mundo tecnológico. Enquanto na educação tradicional o educando era tomado como simples objeto e na educação renovada ele é considerado o centro da educação, a verdade é que, em ambas, toda a filosofia educacional estava relacionada a um contexto bem definido, que os responsáveis pela sociedade e, muito especialmente, os educadores julgavam dominar.

A educação tradicional procura adaptar o indivíduo a um universo pré-definido, onde tudo deve ser feito para impedir que certas mudanças coloquem em risco a visão do mundo e, conseqüentemente, a posição de cada um dentro dele. Já a educação renovada procura levar os educandos a acreditar que suas oportunidades são ilimitadas e que será

possível realizar, através da educação, um progresso infinito, onde os ideais de uma vida mais digna e mais feliz não pareçam tão distantes.

O conceito de educação permanente, se bem explorado e desenvolvido, pode representar uma saída para a solução do impasse tradicional/renovado, na medida em que focaliza o homem globalmente, imerso na sua problemática existencial, onde os aspectos biológicos e sociais são importantes, da mesma forma que são relevantes os que se referem à história da vida de cada um, que se realiza independentemente de alguém estar ou não na escola. A idéia de totalidade é a que melhor exprime o ponto de partida da educação permanente.

O conceito de educação permanente é o que melhor responde à necessidade, que todos sentem, de uma educação para a mudança. Tomando por base o fato incontestável de que todos terão que mudar muitas vezes durante a vida, só uma educação apta a fornecer os elementos que permitam enfrentar essas mudanças será útil.

A realização da educação permanente, como síntese de todo o processo educativo contemporâneo, até o momento, está centrada na formulação de propósitos e intenções. Aos educadores cabe responder ao desafio de propor alternativas que possibilitem concretizar a nova orientação.

Algumas iniciativas podem contribuir significativamente para o avanço da educação permanente. Dentre elas podem-se citar os programas de atualização profissional; os programas que aproximem a família da escola, diminuindo, conseqüentemente, a distância entre pais e filhos; os programas que orientem as crianças, desde muito cedo, para o desenvolvimento da criatividade e das in-

clinações naturais; os programas de orientação para escolha do lazer, especialmente do que é oferecido e indicado pelos meios de comunicação de massa; os estudos que vinculem mais diretamente a escola às necessidades básicas da comunidade; os programas que modifiquem a atual formação do professor, para que ele deixe de ser um especialista em matérias e se torne um orientador de pessoas.

Conclusão

Se muitos dizem que a educação está em crise, isso nada mais é do que o reflexo de uma crise maior que envolve toda a sociedade. Ao educador cabe a responsabilidade de analisar essa sociedade e propor as medidas que possam tornar menos difícil a situação.

O famoso relatório que a UNESCO divulgou em 1972 e que resultou da pesquisa cuidadosa de um grupo de educadores sob a coordenação de Edgard Faure esclarece que a finalidade da educação deve ser menos a de preparar jovens e adultos para uma atividade determinada do que a de aprimorar a mobilidade profissional e de suscitar permanentemente o desejo de aprender e de formar a personalidade.

Esse relatório resume, através de 21 itens, a reflexão crítica desse grupo de professores de 23 países, após um inventário da educação atual, formulando, ao mesmo tempo, uma concepção global da educação de amanhã.

Desses 21 pontos levantados resulta uma série de conclusões importantes, como a valorização da educação permanente, a adoção de recursos tecnológicos na educação, a prioridade na formação de educadores e o íntimo vínculo existente entre o fenômeno educacional e o

desenvolvimento sócio-econômico dos países. Esses pontos, se atendidos, configuram uma educação verdadeiramente democrática, em que as oportunidades se abrem a todos.

A educação deve preparar o indivíduo para adaptar-se à mudança e participar do desconhecido, para *aprender a aprender*, de forma que se torne apto a adquirir conhecimentos novos em todo o curso da vida; *aprender a pensar* de forma livre e crítica; *aprender a amar* o mundo e torná-lo mais humano; *aprender a expandir* a sua personalidade, através do trabalho criador e do lazer satisfeito.

Como acentua Pierre Furter, "o homem, por ser inacabado, tende à perfeição. A educação é, portanto, um processo contínuo que só acaba com a morte."

Compreendendo-se o inacabamento do homem como prematuridade, deve-se rever totalmente o conceito de educação. Se o homem é um ser inacabado ou prematuro, a educação terá a função principal de permitir a ele o *fazer-se* a partir da situação concreta e global em que está colocado. Trata-se da presença atenta da geração anterior para permitir à nova geração *afirmar-se* nas possibilidades novas, para uma sociedade nova, a ser vivida em novas condições.

A educação, fundamentalmente, não é conservadora, porque, assim, seria imaginar que o ideal é a situação atual; não é, também, adaptadora, porque seria pensar que a socialização é a única maneira de amadurecer; nem será imposta totalmente pela sociedade, porque goza de certa liberdade dentro das estruturas sociais, liberdade que lhe permite prever a evolução.

É evidente a relação entre o processo educativo e o tempo humano e, sendo o homem temporal, por ser inacabado, a sua educação é "o caminho mais próprio de organizar a temporalidade vivida,

para que se torne plena e autenticamente significativa."

Esta é a síntese extremamente feliz do modelo de educação a ser alcançado.



O Professor Arnaldo Niskier é licenciado em Matemática e Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Educação pela UERJ e Catedrático de História e Filosofia da Educação da mesma universidade. Atual Secretário de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro.